

Jornal de Brasília

Senado Para desobstruir

A idéia de alguns prefeitos de recorrerem ao Supremo Tribunal Federal contra o Senado, visando forçar a votação dos pedidos de empréstimo, é apenas pueril. Não há como coagir o Senado a votar, nem a matéria envolve lesão de direito dos postulantes. É o aspecto menor e irrelevante do descontentamento que evolui face à atitude verdadeiramente afrontosa da obstrução sistemática que perdura há quase um ano. A questão maior e relevante é a lesão da responsabilidade política do Senado que se encerra nesse episódio lamentável.

Não debitamos a obstrução ao senador Dirceu Cardoso, que a lidera. Quem lidera tem liderados e, no caso, eles constituem número suficiente para tornar efetiva a obstrução. Estes são, cada um pessoalmente, os autores do equívoco que de modo já tão grave afetou o prestígio de uma instituição que deve ser mantida venerável.

Creemos ter-se já atingido, nesse episódio, um momento em que a ação dos dirigentes do PDS deve manifestar-se no sentido de remover o problema, mediante a convocação da bancada que está quantitativamente capacitada a

fazê-lo. Não é razoável tolerar mais a obstrução praticada pela minoria porque significa ela a falência do poder da maioria. Se o PDS tem número suficiente no Senado por que se quedar impotente?

A revolta dos prefeitos e governadores prejudicados pela obstrução é justa e os aconselhamos a agir como manda o procedimento democrático: obstruir com todo vigor os absenteístas por ocasião das eleições deste ano. Mobilizem suas comunidades contra os omissos, apontem-nos ao veto eleitoral. É assim que as democracias funcionam. Com certeza eles se moverão se algum dia aparecer em suas praças eleitorais um out door relacionando o número de sessões a que compareceram durante o ano.

O episódio não prejudica só as partes, mas à sociedade como um todo por força da deterioração da imagem pública da instituição parlamentar. Uma casa legislativa impedida de funcionar por quase um ano é algo que excede os limites da tática partidária para erigir-se em colapso da instituição e frustração da sua responsabilidade política.